

JOAQUIM AUGUSTO

MEDALHA DE MÉRITO MUNICIPAL Nº 23

Joaquim Augusto nasceu em Porto Covo em 27 de Julho de 1912; numa casa de construção antiga junto ao Porto de Pesca, onde o mar a inundava por altura de tempestades.

Foi então, dia 15 de Março de 1928, num sábado encontrava-se a trabalhar com os seus irmãos no Monte de Morgavel, quando se levantou um temporal, que os obrigou a pernoitar no Monte. No dia seguinte regressavam a casa, e depararam com o sítio onde antes estava edificada a sua habitação, uma grande cheia havia-a arrastado.

A família resolvera então construir uma nova habitação a 200 metros da Praia Grande, onde Joaquim Augusto viveu até 1947.

Com 17 anos de idade tornou-se autodidacta, começou a ler e escrever.

Este gosto pelas letras foi-lhe inculcado pelo SR. Joaquim Costa seu patrão na altura também ele poeta, sugerindo-lhe que começasse por ler a cartilha de João de Deus e dando-lhe algum apoio na aprendizagem.

Sempre ouvira o seu pai cantar o fado em animações festivas e recitar poemas e versos, daí também o seu gosto pela poesia.

Joaquim Augusto guarda uma memória rica de histórias amiúde hilariantes, do seu tempo de juventude, quando era Mestre de danças Carnavalescas, também ele cantava o fado como animador de casamentos e baptizados, organizou um Rancho Folclórico em Porto Covo, composto por oito pares, em que consistia numa dança animada à volta de um mastro em que depen-



MUNICIPIO DE SINES

duravam fitas coloridas e seguras por cada dançarino que as envolviam com graciosidade e encanto, próprio do espectáculo.

Cada festejo que realizavam, envolviam os participantes em ensaios diários nos cerca de 20 dias precedentes, evitando assim qualquer imprevisto e garantindo o resultado perfeito do que se pretendia.

Foi em Porto covo, que surgiu pela 1ª vez no Alentejo um Grupo de Cantares de assobio, também organizado pelo sr. Joaquim Augusto. Surgiram muitos convites para realizarem bailes mandados, nas localidades: S. Francisco, Brunheiras, Vila Nova de Milfontes, etc.

Mas era particularmente no Verão que as noites animavam em Porto Covo à luz de candeeiros a petróleo e com a chegada dos banhistas.

Das histórias vividas, há uma que guarda com muito orgulho de se ter envolvido directamente quando o Sr. Salvador Vilhena foi fazer a marcação da actual Rua Vasco da Gama, Joaquim Augusto só aceitava que aquela rua fosse mais larga que as outras ruas, por isso teimavam que a mesma deveria ter mais três passos da porta da sua casa onde ainda hoje habita. Perante esta obstinação o Sr. Salvador Vilhena acabou por ceder a sua pretensão, e a Rua Vasco da Gama é hoje a mais importante de Porto Covo.

O livro “Serões de Noites Inteiras” com poesias ditas no 2º Encontro dos Poetas Populares em Sines, no ano de 1986, foram publicadas algumas antologias das portas do Concelho de Sines, em que incluía alguns poemas de Joaquim Augusto.

Em 8 de Dezembro de 1991, foi-lhe dedicada uma homenagem no Salão do Grupo Desportivo de Porto Covo, em que para além de entidades do Concelho, associaram-se 18 poetas populares da Região.

Em 29 de Junho de 1996, Joaquim Augusto viu realizado o seu grande sonho de ver publicado o seu livro “Pé no Mar – Pé na Terra”, em que aglomera um grande número de poemas.



MUNICÍPIO DE SINES

No tempo do fascismo um deles foi cortado pela censura do regime de então, e chegou a ser perseguido pela PIDE pelo facto dos seus poemas revelarem a pobreza das gentes da sua terra.

Homem dividido entre a actividade da Pesca e actividade agrícola.

Dedicando-se à pesca, principalmente a partir do mês de Julho e Agosto, pescava Lagosta em os seus covos, apanhava safios, moreias e cavalas, deslocava-se em barcos a remos, ou à vela quando havia vento. Quando o mar não permitia a faina da pesca, Joaquim Augusto dedicava-se à agricultura, semeando, mondando, ceifando e debulhando. Uma vida dura, que apesar de tudo soube conservar a sabedoria de um espírito alegre e poético.

A poesia de Joaquim Augusto é altamente diversificada, abordando de forma simples mas bela os mais variados temas.

Temas sociais, como o poema “ao pobre e ao rico”:

O pobre não vale nada
 Ao pé de qualquer cidadão
 São todos de carne e sangue
 Uns têm valor outros não

Ou o poema “É prostituição”:

Pela minha pouca sorte
 Pus o meu corpo em leilão
 Para matar a fome e meus manos
 Troquei a honra pelo pão



Temas políticos, as duas quadras a Salazar ou a Henrique Galvão:

António há-de morrer

Oliveira há-de secar

O sal há-de derreter

E o azar há-de acabar

Temas preciosos e brejeiros como a “Garreia dos peixes”:

Armou-se uma desordem

Na barriga de um cação

Causada pelo charro

Que falou mal ao lingueirão

Ou ao “Gato da Vizinha”

Pela sensibilidade poética, pelo seu espírito empreendedor e dinamizador das tradições e da cultura do povo do Concelho de Sines e da vida de Porto Covo ao longo de quase todo o século XX, mereceu a Medalha de Mérito Municipal.

Em sessão Solene da Assembleia Municipal de Sines, que teve lugar no Salão Nobre dos Bombeiros Voluntários de Sines, em 24 de Novembro de 1996, a condecoração foi entregue ao próprio homenageado, por Francisco Maria Pereira do Ó Pacheco, Presidente da Câmara Municipal de Sines.

Sines, 24 de Novembro de 1996